

Mara Leal > **Eu vou te contar minha vida e todas as variações são válidas**

Resumo

Narrativa autoetnográfica do processo de reperformance de *Les voy a contar mi vida*, da artista espanhola Esther Ferrer, radicada da França. A escrita parte do desejo de aproximar o leitor da experiência de encontro com a artista e sua obra, através de um conhecimento incorporado, que se dá pelo corpo em performance.

Palavras-chave: Esther Ferrer. Experiência. Memória. Reperformance.

Abstract

Autoethnographic narrative of the process of reperformance of *Les voy a contar mi vida*, by the Spanish artist, settled in France, Esther Ferrer. The writing starts from the desire to bring the reader closer to the experience of meeting the artist and his work, through an incorporated knowledge that is given by the body in performance.

Keywords: Esther Ferrer. Experience. Memory. Reperformance.

> Atriz-performer-pesquisadora. Doutorado em Artes Cênicas pela UFBA, docente do Curso de Teatro, do PPGAC/UFU e do PROF-ARTES. Desenvolve pesquisa sobre Cena Contemporânea e Performance na interface entre criação e práticas artístico-pedagógicas. Coordenadora do grupo Berros, integra o grupo GEAC (CNPq) e a equipe editorial das Revistas Rascunhos e OuvirOuver. E-mail: lealmara@hotmail.com.

Na noite de 18 de outubro de 2017, fui a um ensaio convocado por Esther Ferrer para nos prepararmos para a reperformance de *Les voy a contar mi vida*. A ação fez parte das atividades organizadas pelo Museu Reina Sofia de Madri, dentro da exposição *Todas las variaciones son válidas, incluida esta*, uma retrospectiva da trajetória de Ferrer que ficou em exposição no Palácio de Velásquez de 26 de outubro de 2017 a 25 de fevereiro de 2018.¹

A inscrição foi feita por correio eletrônico e iriam selecionar pessoas que tivessem outra língua natal, além do espanhol, ou que falassem línguas de sinais. Na divulgação e convocatória para se inscrever na ação, no site do museu, já se explicava que iríamos contar nossas vidas, verdadeira ou falsa. A não veracidade da lembrança não era considerada um problema já que, ao ser contada, a ficção se tornaria parte de nossas vidas. Considerava-se uma ação inclusiva porque seria realizada por pessoas de diferentes línguas, nacionalidades, procedências e diferentes capacidades: sensoriais, cognitivas e/ou físicas.

Os selecionados foram chamados para um primeiro ensaio e pediram que levássemos uma lembrança de um minuto para ser contada. Ao pensar sobre isso – talvez devido ao fato de ter recentemente realizado a desmontagem de uma performance que partiu de memórias de infância, eu só conseguia me lembrar de vivências desse período e, insistentemente, a lembrança de uma violência sexual. “De que modo a lembrança precisa ser organizada para que finalmente possamos nos sentir livres?”, essa frase de Tabori (1981, p. 201) tamborilava em minha mente e me apaziguava.² Vou falar essa lembrança, decidi. Ao passá-la mentalmente, me preocupei com o fato de ela ter mais de um minuto, mas isso se resolveu quando, no ensaio, foi esclarecido que não precisávamos repetir uma lembrança de um minuto, mas que contássemos nossas histórias enquanto estivéssemos sentados de frente para o público.

Quando cheguei à sala onde aconteceria o ensaio – depois de caminhar dez minutos na chuva, de meu apartamento no bairro do Lavapiés até o Museu Reina Sofia – ainda tinha poucas pessoas e, entre elas, Esther: era impossível não reconhecê-la, já que aos oitenta anos continuava com a mesma fisionomia que vi nas fotos de suas ações dos anos 1970. Enquanto esperávamos que chegassem todos, ela nos perguntou se sabíamos do que se tratava e se já tínhamos feito alguma performance, mas

1 <http://www.museoreinasofia.es/exposiciones/esther-ferrer>

2 Trata-se da performance *Qual é a minha cor?* (2006-2012), a qual desenvolvi a partir de material da minha infância para discutir o tema racial em minha família. Nesse período em Madri, como ação do meu pós-doc, eu realizei a desmontagem dessa ação no Teatro Pradillo. George Tabori (1914-2007) foi um importante diretor e dramaturgo que sempre partia das experiências dos artistas para a criação, já que considerava que tudo o que você experiencia passa a ser autobiográfico e fonte para o trabalho cênico.

logo avisou que isso não era pré-requisito para nada, muito pelo contrário. Perguntou nossos nomes, mas também já advertiu que não iria gravá-los – ah, essa tal memória – e pediu que ficássemos bem próximos uns dos outros para que nos escutássemos. Elena Mainar – que estava organizando a ação e era nosso contato – informou que éramos 11 falantes/ouvintes e sete não falantes/linguagem de sinal. Esse ensaio era só com os falantes e faríamos um ensaio geral com todos no sábado anterior à performance já no espaço, o Palácio de Velásquez.

Esther disse que essa ação originalmente foi pensada para pessoas ouvintes e surdas, mas que sempre foi muito difícil realizá-la desse modo. Somente na França havia conseguido porque lá há um grupo de teatro de surdos, e os atores participaram da ação. Disse também que uma espectadora se encantou com a proposta e pediu sua autorização para fazer em seu país. Nesse momento eu já estava com formigamentos, mas me contive – tudo a seu tempo.³

Início do ensaio: Esther nos explica que a ideia é criar um cânone com diferentes línguas: “Quando falamos todos juntos, é como se estivéssemos escutando as vozes do mundo: todas são línguas, mas todas diferentes; todas são vulneráveis, mas todas são também necessárias”.⁴ Um encontro de babel, pensei. E nos descreve a ação: um/a de cada vez entra no espaço com uma cadeira, senta e diz “Eu vou te contar minha vida” em sua língua natal e depois começa sua narrativa. Depois de um minuto da entrada da primeira performer, entra a segunda e faz o mesmo procedimento até que todas estejam em cena falando simultaneamente. Há uma pessoa fora de cena contando o tempo e ela indicará a entrada e saída de cada um/a. Depois que a última pessoa narra sua história por um minuto, a regente – ficou combinado que seria Elena – indica à primeira que entrou para sair e assim sucessivamente, até sair a última performer e finalizar a ação com o vazio e o silêncio inicial.

Fizemos a ação duas vezes: primeiro para entender a dinâmica, sem contar o tempo. Fui a quarta pessoa a entrar e comecei a narrar a história do meu primeiro beijo:

Eu vou te contar minha vida. Até os meus 4/5 anos minha mãe trabalhava numa fábrica de costura, e eu passava o dia na casa da minha avó. Num desses dias, eu estava na sala sentada no colo de um primo distante que morava ali. De repente, esse homem começa a me beijar na boca, de língua. Eu gostei. Depois coloca a sua mão sob a minha calcinha e começa a me masturbar. Eu fico muito assustada e quero sair dali, mas estou presa em seus braços. Em algum momento minha avó – da cozinha – pede uma caixa de fósforos. Ele para a ação, continuo no seu colo, minha avó vem em nossa direção e sorri – me lembro perfeitamente desse sorriso –, eu quero gritar para ela me tirar dali, mas ela não ouve meu grito mudo, pega a caixa de fósforos, sorri e volta para a cozinha.

3 Estava na Espanha para o meu pós-doutorado (2017-2018), e uma de minhas linhas de pesquisa era a reperformance. Desde a volta ao Brasil, tenho experimentado reperformar algumas ações de Esther em diferentes contextos.

4 Nota sobre a ação no site do Museu: <http://www.museoreinasofia.es/actividades/esther-ferrer-acciones>

Ao narrar essa história, ali no ensaio, mesmo sabendo que as pessoas não estavam entendendo o que eu dizia, me senti bastante desconfortável, pigarreei, esqueci as palavras e me perguntava por que ainda sinto necessidade de contar essa lembrança. E por que, mesmo depois de tantos anos, ela me incomoda? É um manifesto? Uma sessão de psicanálise? Uma denúncia? Ou simplesmente lembrar para me tornar livre? Esses sons, essas palavras ao vento serão capazes de destravar a garganta do grito de pedido de socorro não dado há mais de quarenta anos?

Depois dessa primeira passada, Esther pediu que fixássemos um lugar, uma ordem de entrada: “Quem será a mulher corajosa que irá começar? Sempre são as mulheres”, diz ela. Eu não, pensei ainda atordoada com minhas entranhas. Um dos dois únicos homens se prontifica. “Mas ele vai falar em inglês”, comenta alguém perto de mim. Um homem negro falando em inglês inicia e uma mulher branca falando numa língua eslava que não consigo identificar finaliza nossa sequência. No meio temos italiano, espanhol, português... Fui a sexta a entrar. Fizemos com Elena controlando o tempo de entrada e saída. Já que podemos contar qualquer história e não precisamos repeti-la, decidi que contaria lembranças da minha infância. Entro, sento e começo a falar tudo que vivi com minha avó, que morreu quando eu tinha seis anos. São poucas lembranças, mas intensas, uma puxa a outra: sua morte, o pega-pega com as primas embaixo de seu caixão na sala, a mesma da violência sexual, seu enterro no cemitério de Perus⁵, aquele das fossas comuns da ditadura, as aulas de costura de minha mãe, as brincadeiras de rua com minhas primas, o terreno baldio ao lado de casa, as joaninhas douradas que eu caçava e prendia num pote para admirá-las... A memória criou seu curso, a narrativa fluiu junto com a linguagem gestual e quando a lembrança da violência veio foi “quase” orgânica. Quase porque ela gera um ruído no meu corpo, tenho que aceitar isso. Os últimos sons antes do silêncio foram uma canção linda.

Esther ficou satisfeita, para ela não precisaríamos mais repetir. Conversamos ainda um pouco sobre detalhes técnicos, como perceber a indicação de saída durante a narrativa. Pergunto sobre que roupa usar, e Esther diz para irmos com o que quisermos, aquilo que gostamos: “Eu só me visto com roupa confortável”, diz. Durante o ensaio ela avisa que não irá fazer a ação conosco porque as pessoas podem querer ver só a “Esther”, e a ação é coletiva, de cada um/a de nós, para nossa sorte ou azar, brinca. O ensaio é para entendermos como funciona o procedimento, mas o acontecimento só se dará na relação com o público e será único e cheio de imprevistos. Para mim, o ensaio é entender o procedimento e como eu me entendo com ele, o que ele gera em mim. Uma ação cujo título é “eu vou te contar minha vida” tem implicações pessoais que Esther, ao não dar importância para isso em seu discurso, só deixa mais pessoal ainda. Como eu me entendo comigo mesma nessa babel, como eu reelaboro e transformo a memória em sons e gestos, não para o outro, mas para mim mesma? O que vai chegar ao público é outra coisa. Gostaria de ver.

16h. Ensaio com toda/os no Palácio de Velásquez. Somos 15, talvez 16, pois faltou uma pessoa surda. Esther explica que terá três entradas: a primeira com os surdos, a segunda com os falantes e a terceira com todos. Ficamos sentados na lateral do espaço da ação, que será feita com uma fila de cadeiras de frente para a entrada principal do Palácio; o público se sentará sobre uma das obras de Esther, impressa no piso. Ensaíamos cada uma das entradas, e Elena fica sentada à nossa frente contando o tempo, que diminuiu de um minuto para 30 segundos para a ação total não ficar muito longa. Já tínhamos definido a ordem de entrada em separado, mas não a terceira, coletiva.

No ensaio fomos entrando aleatoriamente, conforme a indicação de Esther. Tudo isso foi feito sob os olhares dos frequentadores da exposição *Todas las variaciones son válidas, incluida esta*, que abriu dois dias antes. Depois do ensaio, voltamos para a sala e ajustamos a ordem da terceira entrada. Como havia menos surdos que falantes, eles ficaram intercalados a cada dois falantes e abriram e fecharam a performance. Esther, sempre muito ativa e alegre, nos recorda que depois de tudo acordado podemos esquecer algo, mas estará tudo certo. Não há nenhum tipo de pressão: é só para estarmos ali e contarmos nossas vidas, reais ou não.

Em nenhum momento do ensaio eu ouvi a palavra “reperformance”. Na programação do Museu dizia-se “ativar a obra”, em referência às ações que seriam realizadas durante a exposição. Além dessa, Esther ativou a ação dadaísta *Ta, te, ti, to, tu*, da qual também participei. Na exposição havia monitores que ativavam algumas obras expostas, e o educativo do Museu também fez esse exercício com estudantes que visitaram o Museu. Pude perceber uma tentativa do Museu em não ter uma exposição retrospectiva apenas centrada no arquivo, mas também transformando-o em repertório vivo⁶, inclusive com a exposição de vários de seus roteiros, ou “partituras” como Esther prefere chamá-las, com instruções para que qualquer pessoa pudesse acioná-los. E o título da exposição já avisa que todas as variações são válidas.

Temos observado o uso do recurso da reperformance em museus e galerias quando se trata de exposição de artistas da performance. O caso de maior visibilidade é de Marina Abramovic, que criou eventos com reperformances de obras de outros artistas (*Seven Easy Pieces*/Guggenheim Museum, Nova York, 2005), como também selecionou artistas para reperformar suas obras (*The artist is present*/MOMA, Nova York, 2010). Schechner (2012) critica esse tipo de performance por considerar que vai contra os princípios vanguardistas que as originaram e por se querer entrar dentro da lógica da conservação, com artistas e curadores mais interessados em pensar as obras do passado apenas como arquivo, como material historiográfico. Esther Ferrer, ao contrário, entende seu trabalho em constante transformação, realizando diferentes versões da mesma obra. Ao acionar a obra, mesmo

6 Diana Taylor (2013) faz uma boa discussão sobre a diferença entre arquivo e repertório em um de seus livros.

seguindo um roteiro pré-definido, o que está em jogo é a relação com o aqui-agora, é sua reescrita no tempo presente.⁷

Penso as ações para fazer eu mesma, mas qualquer pessoa pode realizá-las; nesse caso, será sua presença com suas características próprias, e isso modificará a ação, tanto se tentar seguir as instruções da partitura, o que não é desejável, como se fizer sua própria versão, o que é muito melhor, respeitando, claro, a ideia original. (FERRER, 2017, p. 58)

29/10/2017

12h30. Começa a ação. Saímos da sala onde guardamos nossas bolsas em direção ao centro do Palácio de Velásquez. Muitas pessoas sentadas no chão, em cadeiras e em pé. Sentamos nas cadeiras que vamos usar ao lado esquerdo do espaço destinado à ação. Elena, que está sentada no meio do público, dá o sinal para o início. Entra o primeiro performer, começa a contar sua vida em língua de sinais, e depois de 30 segundos mais uma e mais uma até entrarem as cinco falantes em língua de sinais. Vejo a ação lateralmente, vejo mais o público que os performers e me emociono. Desde a entrada da primeira pessoa se estabeleceu um enorme silêncio na sala. Todos atentos às histórias contadas por seus gestos e expressões faciais. Elas saem, uma a uma, entramos nós, as dez performers falantes. Eu sou a sexta a entrar, coloco a cadeira, sento e falo: “Eu vou te contar a minha vida”, e começo a contar histórias da minha infância, todas as memórias mais remotas que tenho. A maioria é alegre: falo das minhas brincadeiras e descobertas da infância, de brincar de casinha e comer almôndegas feitas de terra, da memória do sabor da terra e da violência sexual. Enquanto falo, observo que as pessoas sentadas mais próximas riem das histórias contadas por minha vizinha, uma das duas únicas performers que fala em espanhol e que cujo sentido de suas palavras é compreendido. São os poucos momentos de comunicação dessa grande babel. Eu contei histórias íntimas para desconhecidos e quase ninguém as entendeu. Durante os 40 minutos que durou a ação, nós falamos o que queríamos e fomos ouvidos; não houve entendimento, mas houve encontro. E foi lindo!

Chamou minha atenção o fato de falarmos quase todas as línguas latinas, mais inglês, russo, croata, alemão, marroquino e até japonês, mas de não ter entre os performers nenhum falante de línguas do Oriente Médio ou da África subsaariana. O único negro falou em inglês. A chamada pública para participar da ação se deu pelo site do Museu Reina Sofia, e para ser selecionado era necessário apenas falar outra língua, além do espanhol. Com esse fato, fica evidente que os inúmeros imigrantes desses países que vivem em Madri não frequentam o Museu e/ou não tem interesse em participar de suas atividades. Eu morei num bairro com imigrantes de vários desses países, ouvia o árabe e línguas africanas

7 Sobre isso ver o vídeo com fala de Laurence Rassel, cocuradora da exposição, e de Esther Ferrer: <http://www.museoreinasofia.es/multimedia/esther-ferrer-todas-variaciones-son-validas-incluida-esta>



Figuras 01 a 03:
Performance *Les voy a contar mi vida*, de Esther Ferrer. Palácio de Velásquez, 2017.
Fotos: Narciso Telles

diariamente, e o Museu Reina Sofia é muito perto, ia caminhando. Mas não perto o suficiente.

Vivi diariamente, durante seis meses, a babel das ruas do Lavapiés, mas ali não havia escuta nem encontro. Apenas nos comunicávamos em espanhol para fins comerciais: houve um breve encontro com um senegalês de uma loja de roupas fabricadas no Nepal, onde compramos (eu e minha sobrinha) várias lembranças para nossos familiares e conversamos sobre o Brasil e Portugal, onde ele morou por um tempo. Também no curso de espanhol para estrangeiros que fiz em *La Casa Encendida*⁸, ali se formou uma pequena comunidade que, por três meses, trocou experiências culturais, mas todas mediadas pela língua espanhola. Sei que, assim como eu, muitos teriam histórias engasgadas na garganta, histórias de todo tipo, de violência que sofreram e sofrem diariamente. Lembranças que fazem ser quem somos, lembranças que precisam ser contadas para que nos sintamos livres. Gostaria de tê-las ouvido ecoar nessa grande babel que vivemos.

8 La Casa Encendida é um centro social e cultural situado no bairro do Lavapiés. É um espaço para todos os públicos, que oferece diversas atividades que giram, segundo divulgado em seu site, em quatro áreas de atuação: cultura, solidariedade, meio ambiente e educação. Na área de educação, oferecem cursos de língua espanhola para estrangeiros com foco para quem procura se inserir no mercado de trabalho. No curso que fiz, eu era uma das poucas pessoas que vivia temporariamente em Madri e que não buscava aperfeiçoar o espanhol para o trabalho. A professora era uma ativista que dava aulas também para um grupo de refugiados. Em nossos encontros, o tema cultural, mais que o do emprego, era recorrente, e as histórias de vida de cada um surgiam como parte do exercício linguístico. Sobre o espaço, ver: <https://www.lacasaencendida.es/que-es-casa-encendida>

Referências

- FERRER, Esther. **Todas las variaciones son válidas, incluida esta**. Catálogo da Exposição. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, 2017.
- SCHECHNER, Richard. A Vanguarda Conservadora. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 573-600, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>
- TABORI, George. **Unterammergau oder Die guten Deustchen**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1981.
- TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório** – Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.